

(E. de ~~Magras~~ Sergipe)

REVISTA

DA

ESCOLA REMINGTON

DE

S. PAULO

NUM. 7

SUMMARIO

OUTUBRO 1923

	Pags.
1 — Crise de empregados no commercio - <i>H. G. Moreira.</i>	3
2 — <i>Horribilis Morbus</i> - <i>Lazaro M. da Silva</i>	3
3 — Questões de português - <i>Proença Pereira</i>	4
4 — A electricidade applicada á <i>Dactylographia</i> - <i>Henrique Paszkowski</i>	5
5 — A evolução da machina de escrever	6
6 — Contabilidade - Endosso e aval - <i>Della Monica</i>	7
7 — O ensino de Inglês - <i>Proença Pereira</i>	8
8 — 12 de Outubro - <i>Proença Pereira</i>	9
9 — A Industria dos archivos de aço - <i>T.</i>	10
10 — Prof. <i>Proença Pereira</i>	10
11 — Notas - Formulario de Geometria - Publicações	11
12 — Informações - Certificados de habilitação - Annel de dactylographo	11

air nas
es.



Optimas collocações não faltam

Faltam pessoas habilitadas

Habilitae-vos, pois, senhores e senhoritas, frequentando os cursos especiaes, essencialmente praticos, de

DACTYLOGRAPHIA,

CORRESPONDENCIA,

TACHYGRAPHIA,

CALCULO COMMERCIAL,

CONTABILIDADE,

INGLEZ e FRANCEZ

da **Escola Remington** destinados a habilitar, em tempo relativamente curto qualquer pessoa, para optimas collocações no commercio.

Matricula sempre aberta. - Aulas diurnas e nocturnas para ambos os sexos.

CÓPIAS A MACHINA

RUA JOSÉ BONIFACIO, 18-B

CURSO FEMININO DE DACTYLOGRAPHIA DA ESCOLA REMINGTON
annexo ao Externato Hygienopolis, á Rua Maranhão, 19.
Matricula das 14 ás 17 horas, todos os dias, menos aos sabbados.

REVISTA DA ESCOLA REMINGTON DE S. PAULO

Rua José Bonifacio, 18-B - Telephone: Central 4.1.0.0

ANNO I

S. PAULO, OUTUBRO DE 1923

NUM. 7

AVISO IMPORTANTE

Esta REVISTA, util a todos que se interessam pelos conhecimentos commerciaes praticos, é distribuida gratuitamente aos alumnos da Escola. As pessoas que desejarem receber-a regularmente devem tomar, na sede da ESCOLA REMINGTON, uma assignatura annual da mesma que custa apenas \$3000. Numero avulso \$300. Numero atrazado \$500.

CRISE DE EMPREGADOS HABILITADOS

E' lamentavel a falta de pessoas capazes de desempenhar com satisfacão as funcções de empregados em escriptorios commerciaes.

Na época actual, de vida cara e difficil, em que todos precisam trabalhar para se manterem decente e honestamente, topa-se a cada passo com individuos incompetentes a se queixarem amargamente da sorte, sem perceberem que são elles proprios os causadores do seu infortunio.

Não estudam, não se applicam a adquirir um conhecimento util qualquer para, suavizando a propria vida, auxiliar um seu semelhante de mais recursos e de mais iniciativa.

A primazia, o dominio, a iniciativa, sempre foi, ainda é e continuará a ser do mais capaz, do mais forte, do mais activo.

O mais capaz não é sempre o que assim quasi nasceu; não, qualquer individuo póde tornar-se competente com o auxilio da força de vontade perseverante no estudo.

O mais forte não é sómente quem tem força physica, que na vida moderna occupa lugar secundario; ser forte é ter animo ferreo para vencer todos os obstaculos que se apresentam, para agir sem intermittencias, sem desanimos.

O mais activo não é certamente o espertalhão, o explorador, o mercenario, é aquelle que não abusa da fraqueza do proximo, que não se aproveita indecorosamente das occasiões.

O joven moderno precisa preparar-se intellectual e moralmente; deve estudar e seguir uma norma de conducta sã.

São indispensaveis os conhecimentos de dactylographia, de portuguez, de correspondencia, de ta-

chygraphia, de calculos commerciaes, de contabilidade e até de inglez, para um empregado ser considerado apto conforme a casa onde tenha de trabalhar.

São qualidades principaes do bom empregado a pontualidade, a honestidade, a attenção, a dedicacão ao trabalho, e outras que os empregados se-rios sabem reunir.

A crise de empregados habilitados póde e deve ser debellada pelos moços de hoje, que, no seu proprio interesse, se não no da collectividade, devem instruir-se, procurando as escolas que mais promptamente os prepare para preencher os muitos logares vagos existentes nos escriptorios commerciaes desta cidade.

H. G. MOREIRA.

HORRIBILIS MORBUS

Bemdito aquelle, cuja palavra é o reflexo vivo de uma consciencia pura.

Ella vibra superiormente, sem se imiscuir nas almarras perniciosas de compromissos pessoases.

Nobre e altiva passa por sobre as contingencias egoisticas, para numa manifestacão sublime, interpretar as aspirações do bem commum.

Dedicada, não se satisfaz a si propria, non ministrari; efficaz, trabalha em favor de outrem, sed ministrare.

*
* *

O Sr. Dr. Reynaldo Porchat, que em tão boa hora fôra eleito para occupar uma vaga existente no Senado, manifestou-se ha dias, brilhantemente contra um projecto tendente a favorecer diversas escolas de commercio do nosso Estado.

Foi uma substanciosa oracão, em que a palavra eloquente do Sr. Dr. Porchat profligou desassombadamente o *terribilis morbus* do proteccionismo.

Era mais uma mancha vergonhosa, que se nos queria lançar em rosto e que o verbo inflam-

mado do professor de Direito rebateu galhardamente, com a distincção que o caracteriza.

Eram pequenos favores, assevera S. Ex., mas que, quando não trouxessem outro mal, trariam por sem duvida o terrivel inconveniente da *precedencia*.

"Quem despreza as pequenas cousas, cairá nas grandes", reza o proverbio.

Nós, que mourejam no afan quotidiano de ministrar aos nossos alumnos os conhecimentos uteis e indispensaveis para se dedicarem ao trabalho, principalmente commercial, applaudimos calorosamente a attitude assumida pelo Sr. Dr. Porchat, impugnando um projecto que, convertido em lei, seria uma nodoa para nossa instrucção.

A superioridade da sua attitude, assim como a orientação do seu programma, não permittiu a S. Ex. descesse em particularidades. Fez muito bem.

O ensino commercial está de tal maneira mercantilizado e a sua orientação tão fóra dos verdadeiros methodos pedagogicos, que S. Ex., ficaria horrorizado se tivesse que destacar as innumeradas falhas que o assignalam.

Os professores se improvisam da noite para o dia e as escolas formigam em cada recanto.

São verdadeiros balcões, onde a mocidade incauta vae gastar as suas economias, o seu tempo e quiçá... o seu caracter.

Escolas existem, onde os alumnos frequentam dois, tres e até quatro annos, unica e exclusivamente, para conquistar um diploma, que afinal só lhes serve para realçar mais a incapacidade.

Ellas ostentam em seus frontespicios caracteres resplendentes, onde ao lado dos patronos que as distinguem, se vê o fim a que se destinam. Mas, tudo isto *não passa de fachada*. A orientação pedagogica é um desastre; o programma é vastissimo, mas, o alumno das materias que o compõem aprende uma ou outra, muito superficialmente.

E' um verdadeiro descalabro, salientando-se como nota mais ignominiosa o descuro dado á lingua patria. Quanta gente existe, que, diplomada por taes escolas, não sabe na vida pratica siquer redigir uma carta.

Conhecemos muitos que depois de dois, tres e mais annos de estudos, para attenderem a uma modesta collocação, arranjada com muito custo, necessitam frequentar uma escola pratica, onde com tres mezes de dactylographia e outros tantos de correspondencia, possam desempenhar um cargo, para o qual não n'os habilitaram os longos annos

de estudo, nem os recommendara o fulgor dos pergaminhos.

E' uma lastima o nosso ensino. Se quizessemos particularizar factos, veriamos os extremos a que chegam esses desclassificados mercenarios.

Por isso é que louvamos o gesto do Sr. Dr. Porchat, impugnando o referido projecto. Continue S. Ex. sempre de atalaia. Membro que é do Conselho Superior, sua consciencia não deverá vacillar um só instante, nessa empreza grandiosa da moralização do ensino.

O nosso povo, na sua religiosidade significativa, não permite que se lhe offereça dinheiro, pela imagem de um santo. Acha que é um sacrilegio e por isso, neste particular não conhece os verbos comprar e vender, senão o verbo trocar.

Assim tambem devemos ser nós, com relação ás artes e ás sciencias.

Não sejamos cabotinos, muito menos mercenarios.

Não materializemos aquillo, que a materia não pôde espiritualizar.

Sabemos que cada um vive segundo sua profissão, *qui altari deserviunt cum altari participant*; mas por isso mesmo, é que devemos pairar superiores, não vendendo a troco de vil metal, aquillo que antes de tudo é um alimento e um attractivo do nosso espirito.

Parabens pois ao Sr. Dr. Reynaldo Porchat e que a sua palavra continue sempre altaneira e decisiva, não permittindo jamais que se tornem em realidade, as pretenções estultas daquelles, que absorvidos pela materia, não divisam os esplendores do espirito.

LAZARO MARIA DA SILVA.

QUESTÕES DE PORTUGUÊS

III

Os brocardos na nossa lingua, abundantes e numerosos, são campo vasto, á investigação curiosa dos melhores cultores do idioma. Todos estes, procuram explicar de modo, o mais racional, as diferentes origens dos proloquios populares. E disse racional, porque muitos escapam á investigação, e dahi, o se contradizerem os diversos mestres no assumpto.

Os adagios em nossa lingua, andam por ahi num sem numero, e não ha quem não conheça boa parte delles. Mas, já por vicio, já por descui-

do e ainda por ignorancia, muitos são deturpados na sua forma syntactica, apresentando "gaffes", que de relance ou distrahidamente, passariam sem percebido.

"Mais amor "menas" confiança". Eis um proloquio, que se ouve tanto, e affirmo sem refólhos, até de boa gente tenho ouvido, dito duma tal maneira. Neste ultimo caso, só mesmo a distracção poderá justificar.

Diz um dos nossos notaveis philologos contemporaneos que "o povo é o melhor dos classicos". *Relative tantum* poder-se-á acceitar esse assêrto.

Candido de Figueiredo, por sem duvida grande mestre, diz tambem que, "antes da gramatica já existia a linguagem, a gramatica não ensina a falar, a linguagem é que ensina a gramatica; aos gramaticos sómente cabe deduzir da pratica dos escriptores régras exactas e completas da linguagem e metodiza-las"...

Claro está, que não sou ninguem para disputar autoridade áquelle guapissimo luminar, aliás, seria uma pretensão; mas, ninguem poderá por certo impedir que estudemos, investiguemos, comparemos, e de posse dos conhecimentos technicos da san escolastica dos tempos de seminario, possamos nós outros, emittir tambem juizos.

Bebi, pois, ensinamentos, em outro não menos illustrado glottólogo, aliás, portuguez tambem, e foi considerando a criteriosa exposição de factos, que me abalsei em idéas um tanto audaciosas. E' verdade que a linguagem antecede a gramatica, mas a missão do grammatico, não só é bem differente, como é mais nobre e de maiores responsabilidades. (Sá Nogueira).

Esta dissertação parece não se prender ao nosso assumpto, mas de verdade, está ella bem relacionada ali, pois pretendi, mostrar ligeiramente que não devem justificar-se erros, — só por que o *povo* diz.

Menos é um adverbio.

Os adverbios, aprendemos todos nós, fazem parte taxonomica das palavras invariaveis, e como taes, não soffrem alteração em genero, numero, grau.

Deve-se pois dizer: "mais amor *menos* confiança".

Para não offender a sensibilidade a alguem, seja-me permittido dizer de relance, que, no estylo familiar, no nosso linguajar caseiro, podem al-

guns adverbios, tomar flexão diminutiva (gráu). Assim pois dizemos: *pertinho, longinho...*

*
* *

Escrevel-o e escreve-lo; eil-o e ei-lo...
Como deverá escrever-se?

As duas maneiras são correctas, ou dizendo melhor, a primeira é justificavel e a segunda, não padece duvida, é a que se pôde chamar verdadeira.

Em questão de nossa lingua, nada há de dogmatico; as opiniões divergem, ha contradicções, e os pobres caloiros, que se moitem e depois de muita lobrigação, que estabeleçam duplo e até triplo criterio.

Em minhas aulas, tratando-se do assumpto, não repudio a primeira fórma, mas aconselho meus alumnos, prefiram sempre a segunda, e como lhes tenho provado, acho-a mais racional, e mais de accordo com a indole da lingua.

*
* *

"O sr. *está* servido"? Não posso me lembrar onde ouvi esta pergunta, o certo é que, guardei, para esta secção.

Está errado, deve-se dizer: "O sr. *é* servido"?

O que não está bem certo é meu estomago, que com ronco surdo, parece protestar, por deixal-o em esquecimento.

Já satisfiz os meus leitores, com permissão que, agora mesmo vou regala-lo, e já que falamos em adagio, proloquio, brocardo, parece azado encerrar por onde comecei, dizendo, como os mestres... da "philopanza" na antiga Roma: "*primum vivere, deinde philosophare*".

PROENÇA PEREIRA.

A ELECTRICIDADE APPLICADA A' DACTYLOGRAPHIA

A electricidade, essa fórma de energia incognita e poderosa, que, dia a dia, nos empolga, quer pelas vantagens que proporciona, quer pelos perigos que offerece, acaba de ser applicada á dactylographia.

Percebemos, desde já, nos labios dos nossos leitores um sorriso de incredulidade. Nós tambem duvidavamos, mas ao vermos a machina em funcionamento, curvamo-nos ante a evidencia do facto.

E' claro, que a machina movida á electricidade não escreverá uma carta qualquer á vontade do dactylographo. Não. E' preciso antes organizar a matriz. Para esse fim o systema empregado é o mesmo que o usado nos auto-pianos.

Organisada a matriz é esta collocada num aparelho annexo á machina. Ligada a electricidade, o trabalho do dactylographo se resume sómente em collocar o papel na machina. E' de admirar-se então o trabalho rapido, a corrida vertiginosa do carro, o abaixar continuo das teclas e as pancadas uniformes e isóchronas dos typos, como se a machina fosse operada por mãos habilissimas mas invisiveis.

Percebe-se desde logo, que a machina de escrever, movida á electricidade, serve sómente para dactylographar circulares.

Nesse ponto é que reside a sua vantagem; pois, uma pessoa ao receber uma circular nessas condições, tem a impressão de que a mesma foi escripta só para ella; o que não acontece com a extrahida com papel carbonado ou obtida por meio do duplicador.

HENRIQUE PASZKOWSKI.

A EVOLUÇÃO DA MACHINA DE ESCREVER

Conferencia realizada em 10 de Abril de 1919, no salão do Mackenzie College, pelo Sr. Eduardo Dale, um dos Directores da Casa Pratt S. A.

(Continuação)

A PRIMEIRA MACHINA DE ESCREVER PRATICA

Foi isso um acaso afortunado para a empresa incipiente, porque relacionou-a com um homem de negocios pratico, que teve o entusiasmo sufficiente para adquirir, como fez logo depois, mediante pagamento de todas as despezas já feitas, um interesse na empresa, apenas por ter visto a machina.

O sr. Densmore tinha sido editor e impressor e bem podia avaliar a importancia de tal machina; mas este era um pequeno tributo á energia e clarividencia características que assim arriscava seus bens em um aparelho tão novo e não experimentado, porque deve ser lembrado que os inventores presentes nenhum conhecimento tinham de quaesquer esforços anteriores com excepção do sr. John Pratt acima mencionado.



— Upa! Aquelle deve ser futurista.

O sr. Densmore não vira machina de escrever até março de 1868.

Julgou-a então bôa apenas para demonstrar a praticabilidade da idéa e recommendou mais aperfeiçoamentos, apontando muitos defeitos que precisavam ser remediados para que a machina se considerasse util para fins praticos.

A esse tempo Soulé e Glidden se retiraram da empresa, deixando-a inteiramente a Sholes e Densmore. Sholes continuou a idear modelos sobre modelos, até que foram feitas vinte e cinco ou trinta machinas de ensaios cada qual um pouco melhor do que a precedente, embora carecendo ainda das qualidades essenciaes de uma machina perfeita. Nas mãos de pessoas praticas, stenographos e outros, cada uma se verificava ter um pequeno defeito e estragava-se sobre o uso continuado. Esse processo foi mantido até quasi esgotar-se a paciencia de Sholes. Sem duvida, se a empresa estivesse sómente em suas mãos, elle a teria deixado nesse ponto critico, e essa tentativa de se obter uma machina de escrever teria a mesma sorte das anteriores e seria desprezada. Mas a perspicacia e o senso commum de Densmore salvou a empresa porque elle insistiu que esse criticismo e as experiencias eram justamente o que se precisava para encontrar os pontos fracos.

Insistiu em que toda a obra podia ser abandonada, a menos que a machina fosse construida de

modo que qualquer pessoa pudesse se utilizar della — assim gradativamente as concepções originadas do inventor foram sendo modificadas por experiencias praticas, até que em 1873 considerou-se-a perfeita para ser posta em mãos do fabricante afim de pô-la no mercado para o publico em geral. Com esse intuito veiu Densmore logo no anno de 1873 á grande fabrica de armas de E. Remington & Sons, em Illion, N. Y. Um tanto duvidoso de sua propria habilidade em conseguir persuadir os Remingtons a emprehenderem a fabricação, convidou o sr. G. W. N. Yost, com quem se havia annos atraz associado, no negocio de transporte de oleo da Pensylvania, para acompanhal-o afim de ter o auxilio da sua bem conhecida influencia para persuadir os Remingtons.

Depois de muito negociarem, foram felizes, nos seus intentos, e a firma Remington acquiesceu em emprehender a fabricação da nova machina.

Não obstante a paciencia e o dinheiro já gastos, o uso mostrou que ella estava longe de ser uma machina perfeita. Os amplos recursos e os habeis operarios da fabrica Remington foram postos ao serviço do aperfeiçoamento da machina de escrever, que é hoje familiar em toda a parte do Globo.

Assim foi a machina posta em via de appa-recer perante o publico e deste modo se firmaram os alicerces sobre os quaes se estabeleceu um vasto negocio, que ora estende as suas relações a todas as partes do mundo e augmenta com uma rapidez que é uma surpresa para todos, menos para os poucos que enxergaram o fim desde o começo e tiveram fé no triumpho final da invenção.

As primeiras machinas ficaram promptas para o mercado em meados de 1874.

As primeiras vendidas para o uso geral eram muito differentes no aspecto das Remington, compactas e bem construidas, de hoje, embora os principios fundamentaes da primeira machina ainda perdurem, pois pouca cousa de real utilidade em materia de construcção ainda se achou para alteral-os.

(Continua).

CONTABILIDADE ENDOSSO E AVAL

A falta de conhecimento de Contabilidade, muito notada em nosso meio commercial, causa em muitos casos, erros de termos que, attendendo

às pessoas que os empregam, são bastante lamentaveis.

E' muito frequente ouvir-se, mesmo em estabelecimentos do alto commercio, e de pessoas de collocação á altura de saber a fundo certos casos applicados frequentemente em factos importantes, confusões de termos adaptados a esses factos, como por exemplo: entre Contabilidade e Escripuração; entre Calculo e Conta, etc..

Entre essas diversas baralhadas, que se notam, o que mais causa pasmo, por ser quotidiano o seu emprego, e em grande numero, é o aval, que, na pratica, passa como endosso.

A confusão que se faz entre o aval e o endosso é quasi na totalidade dos casos.

E' geralmente empregada a palavra endosso quando qualquer pessoa, extranha ao acceitante ou mesmo ao sacador de um titulo, se responsabilisa pelo pagamento da importancia declarada nesse documento assignando o seu nome como garantidor no verso dessa escriptura provante.

Apezar de serem casos assaz communs, a maioria dos commerciantes ignora a dessemelhança entre o endosso e o aval, pois, não sabem distinguir qual o fim a que um e outro se destinam. Julgam que responsabilisar-se por um documento é endossal-o.

Esse desconhecimento é originado pela falta de saber theorico de materia commercial, pois, recorrendo-se a qualquer dos tratados de Contabilidade, se observa facilmente que, entre endosso e aval, ha tal differença como a que existe entre um "pato" e uma "gallinha".

O endosso é a responsabilidade assumida pelo portador ou tomador de uma letra de cambio por transmissão de propriedade, ao passo que o aval é a garantia prestada por uma pessoa extranha ao documento, isto é, por pessoa que não seja acceitante, portador ou mesmo endossante desse titulo.

O endosso é applicado, entre os diversos casos, ao seguinte: Salles & Cia., portadores de uma letra de cambio acceita por José, querendo pôr em circulação a importancia constante desse titulo, descontam-n'o, isto é, vendem-n'o a um Banco. Como de praxe, o Banco que o compra exige de Salles & Cia., portadores, sua responsabilidade pela falta de pagamento que possa haver. Esta responsabilidade, assignada por Salles & Cia., que em geral é feita no verso da letra, por seu proprio punho ou por mandatario especial, pela transmissão

de propriedade desse documento, é o verdadeiro endosso.

O uso do aval é feito em casos muito diferentes.

Entre os casos em que se emprega o aval, tomamos para exemplo o seguinte facto: Armandó, portador de uma letra de cambio aceita por Jorge, necessitando de numerario, resolve caucional-a a certa pessoa; pôde acontecer, porém, que essa pessoa não conheça o acceitante nem o portador, e exija um terceiro que assuma a responsabilidade, isto é, que garanta o pagamento da mesma. Essa responsabilidade assumida por essa pessoa, é que se chama aval, e a pessoa que abonou esse aval chama-se avalista.

Assim, pois, uma letra de cambio pôde ser negociada independente de acceitante ou endossador, desde que haja um avalista que a abone pelo aval, isto é, que garanta o pagamento.

Para a validade do aval é sufficiente a simples assignatura do avalista ou mandatario especial, e pôde ser feita no verso da letra.

O aval pôde ser abonado em favor do acceitante ou do saccador. No primeiro caso o avalista escreverá sob a assignatura do acceitante: "Por aval F...", e no segundo caso, sob a assignatura do sacador, escreverá "Por aval F...", podendo ainda figurar, numa letra dois avalistas, sendo um equiparado ao acceitante e outro ao sacador.

Além dos casos acima, o aval pôde ser feito no verso da letra, sendo sufficiente a simples assignatura do avalista ou mandatario especial.

O avalista é equiparado áquelle cujo nome indicar; na falta de indicação, áquelle abaixo de cuja assignatura lançar a sua; fóra destes casos ao acceitante, e não estando aceita a letra, ao sacador.

Eis os fins a que se destinam o endosso e o aval.

E', pois, do interesse de todos applicar um pouco de seu tempo em comprehender a distincção entre estas duas expressões, pois, apezar de muito conhecidas, como acima ficou dito, ainda uma boa parte das pessoas que empregam estes factos, ignora, quasi por completo, quaes os effeitos de um caso e de outro.

DELLA MONICA.

Não esperarás o momento favoravel; crial-o-ás. (Orison Swett Marden).



O ENSINO DE INGLÊS

I

"A verdade é como o sol, uma nuvem conseguirá encobri-lo. nunca porém empanar-lhe o brilho".

Ninguem, por certo, desconhece a importância que tem no commercio actual o conhecimento da lingua inglêsa. Os factos ahi estão a corroborar minha asserção: levas e levas de moços e moças, empenhadas no "struggle for life", transitam pelas ruas, livrinhos debaixo do braço, enchendo todas as escolas e cursos.

Uma desgraça, porém, occorre neste particular: o charlatinismo que campêa assombrador, por parte de pseudos-professores, que sem escrupulo e nenhum zelo, pretendem colimar ás alturas do magisterio.

Não se pretenda dizer, que faço um rebate em torno dum reclamo; de nenhum modo. Não seja eu quem o diga. Fallem por mim, quantos, victimas do "chantagismo", veem desfeitos e perdidos tempo e tostões, quantas das vezes tão custosos!... Fallem por mim os conscienciosos, os insuspeitos que veem em torno da minha palavra a tristissima verdade. Fallem por mim, quantos, conhecedores melhor que eu do ensino em São Paulo, e verão todos, tão positiva quão lamentavel é esta verdade.

O divino e manso Prégador das praias do Tiberiades, o grande philosopho dos positivistas, prophetizou um dia o memoravel — "Cuidado com os falsos prophetas". E falsos prophetas, os encontramos, abstraindo a religião, em todas as manifestações intelligentes do homem, figura creada do Creador.

E cheios, ahi estão os "falsos prophetas" do ensino.

Varios factores são disto a causa: a imprudencia, escolhendo para professor o primeiro que se apresenta; os reclamos retumbantes, que bem elaborados seduzem e enganam; o pouco preço, que mais que quaesquer outros, é o factor que se impõe, maxime, na epocha actual.

Alliado á deficiencia dos professores, apparece a falta de methodo e dedicacão. O dinheiro

é a primeira cousa, o aproveitamento do alumno, cousa secundaria, quando justamente devia ser o inverso.

O ensino do inglês pratico e o theorico é diametralmente opposto. Aquelle, aliás o que mais nos interessa aqui, deve visar o aproveitamento do alumno, sem contudo sobrecarrega-lo de tanta theoria. O ensino pratico prescinde de tanta regra que só pode gerar confusão para o alumno. Deem-se regras, está visto, mas que sejam accomodaticcias ás particularidades que forem apparecendo, tornando-as accessiveis sem fazer do alumno o que se poderia chamar um homem ex-machina.

Aprenda o alumno a pronuncia segura e certa das palavras, e isto de viva vóz, evitando figurações; e ao bom professor compete este trabalho, pronunciando-as bem claramente, uma, duas, tres e mais vezes, de bom grado e sem se agastar, até que consiga do alumno chegar ao menos á quase perfeição. O bom professor não deve ter sua attenção para o relógio, suspirando pela terminação da hora aprazada. Nem todos teem a mesma facilidade, a mesma intelligencia e claro está, que uns se demorarão mais que os outros no trabalho de seus exercicios.

Admita-se o ensino do inglês em turmas, mas entenda-se, seja o ensino individual.

Todo o estudo feito por alumnos em turma grande é muito relativo. Preciso é se conceba, muito boa vontade e muita attenção por parte do estudante, cousa aliás pouco commum, pois nem a todos é dada a energia sufficiente para vencer tropeços e aridas difficuldades que soem apparecer em meio do caminho. E dahi, a vantagem do ensino individual.

O tomar-se aulas em turmas grandes, concorrendo com importancia quase nulla, só pode advir em prejuizo do proprio interessado. Demanda mais esforço, mais tempo, e não raro pouco aproveitamento.

Sejamos ingleses até no modo de pensar — "Times is money", e ponderemos maduramente, antes de nos entregarmos ao criterio do professor que escolhemos. Procuremos o melhor e não o mais barato — "o barato sae caro", e veremos, pelo menos os incautos verão, quaes as vantagens do ensino competente, sincero e cuidadoso; e, não se esqueça nunca da prophacia que já hoje fere os olhos sempre com frisos condicionaes de verdade — "cuidado com os falsos prophetas"!...

Estudemos o caso, que aliás, merece seria reflexão, e prosélytos apparecerão em defesa do mesmo ideal.

PROENÇA PEREIRA.

12 DE OUTUBRO

E' do conhecimento de todos, por certo, aquella historia, para alguns apócrypha, e que desde os livros escolares se lê, do jantar offerecido por Colombo, onde elle se servindo de espirituosa estratégia zomba daquelles que, invejosos, procuravam empanar o brilho de sua gloria.

Pois verdade seja, descobrir a America foi cousa tão difficil, como difficil se afigurou aos commensaes pôr um ovo de pé por uma das suas extremidades.

Há mesmo quem ponha em duvida a arrojada aventura do illustre genovez. Uma obra que li há annos, assim me dizia.

As glorias, os laureis, as epopéas, são sempre victimas de bastarda insidia.

Deixemos de banda, considerações curiosas, mas não authenticas, e sigamos a historia, que tem como um dos caracteres da verdade — o ser imparcial. Seria deprimi-la, attribuir-lhe narrações, sem testemunhos authenticos de verdade.

Colombo, é ainda mais feliz: não lhe negam ao menos a existencia.

Filho da gloriosa Genova, nasceu em 1446. Com manifesta predilecção ao estudo, afundiou-se em conhecimentos cosmographicos, de que elle foi luminar. Concebeu a idéa, utopica para seus coevos, de ir á India, seguindo sempre a direcção do Oeste.

Para conseguir o intento, recorreu á Inglaterra, á França, a Portugal, nada conseguindo. Procurou a corte Hespanhola onde foi acolhido seu pedido por Isabel, a Catholica, rainha de Castella. Esta, ministrou-lhe meios para tão arrojado empreendimento. Aos 3 de Agosto de 1492 partia Colombo do porto de Palos levando consigo tres navios: Santa Maria, Pinta e Nina.

Mil surpresas e por entre graves difficuldades, viajou por mezes, á mercê das vagas e da sorte, e viu corôado seu exito no dia 12 de outubro do mesmo anno.

Com um "Te-Deum" entoado e uma cruz que se levantava, legou Colombo á posteridade, por

entre os triumphos de uma conquista, uma nova terra de bençãos e sorrir de auroras, da qual é o Brasil uma de suas melhores partes.

PROENÇA PEREIRA.

A INDUSTRIA DOS ARCHIVOS DE AÇO

(Continuação)

ALGUNS DETALHES SOBRE O PROCESSO DE FABRICO — Como a mais antiga fabrica de mobiliario de aço para escriptorio, como uma das poucas firmas que resolveram fabricar sómente uma qualidade: *a melhor*, The General Fireproofing Company offerece vantagens no seu producto que não seria possivel obter-se d'outra maneira. Para apreciar essas vantagens e ver se ellas são essenciaes para o consumidor, é necessario comprehendem-se alguns detalhes da construção, examinar e comparar com qualquer outro archivo. O "Allsteel" põe á mostra assim o seu verdadeiro valor.

A fabricação "Allsteel" é reconhecida como modelo, a começar pela escolha da materia prima; todo o aço empregado é fabricado especialmente para esse fim e soffre a mais rigorosa inspecção, sendo o minimo defeito superficial motivo para uma rejeição. Este meticoloso exame applica-se a todo o material empregado: desde as chapas de aço até as ferragens ornamentaes, não sendo nada acceto que não corresponda perfeitamente ás exigencias.

Os operarios da importante fabrica são pessoas de longa pratica e especialistas de mobiliario da melhor qualidade. Os machinismos empregados são os mais modernos e mais aperfeiçoados no seu ramo. Muitos foram fabricados exclusivamente para a Companhia e todos adequados á qualidade superior adoptada no fabrico do seu producto.

Os caracteristicos geraes adoptados na construção dos moveis "Allsteel", foram ditados pela experiencia que sómente pode ser obtida ao fim de annos de estudo deste trabalho especial. Desta forma foi possivel conseguir reunir a maior rigidez sem augmentar consideravelmente o peso. Todas as partes de folhas metallicas são franjadas, dobradas, laminadas por mecanismos especiaes, e todas as juntas soldadas electricamente. Isto significa a ausencia completa de parafusos e rebites grosseiros, offerecendo no entanto maior resistencia como se fosse duma unica chapa de aço.

Cada peça dos moveis "Allsteel" é notavel pela sua bella apparencia. A cor verde escuro dum tom que harmoniza com qualquer interior de escriptorio e as cores imitando madeira são exemplos extraordinarios de arte do acabamento. O esmalte é tão permanente como o proprio aço; é quasi uma parte integrante deste porque é collocado sobre elle camada por camada, de um modo semelhante aos famosos trabalhos de lacca do Oriente.

Quando os moveis chegam á secção de acabamento, são em primeiro lugar limpos por inteiro e recebem um revestimento de preparo, sendo em seguida collocados em fornos e cozidos durante varias horas sob uma temperatura muito elevada. Retirados dos fornos, são friccionados a mão e recebem novas camadas, mais fricções e mais aquecimentos, recebendo finalmente os veios de madeira que se pretende imitar. Vêm em seguida mais cozeduras e fricções a mão e uma camada de verniz elastico dos mais finos; ainda mais aquecimento, fricção e polimento, e o processo está terminado.

Por este processo o aço torna-se permanente e o uso ordinario não o desgasta. As ferragens que ornamentam os moveis "Allsteel" estão em perfeita harmonia com o acabamento.

POR ESTES MOTIVOS APONTADOS A FABRICAÇÃO "ALLSTEEL" É RECONHECIDA COMO MODELO.

T.

(Continúa).

18-10-1923.

PROF. PROENÇA PEREIRA

Em substituição ao Prof. John Siegler entrou a fazer parte do corpo docente desta Escola, para lecionar Inglez, Francez e Correspondencia ingleza, o Prof. Francisco Proença Pereira.

Se bem que moço ainda o Prof. Proença se recommenda pela sua competencia provada em muitos annos de ensino no conceituado Gymnasio São Joaquim de Lorena, importante cidade do Norte do Estado, e ultimamente no conhecido Curso Commercial do Lyceu Salesiano Coração de Jesus, onde continúa.

Ao perfeito conhecimento das linguas acima o Prof. Proença junta requisitos pedagogicos indispensaveis a quem ensina em cursos praticos como os nossos, onde os alumnos devem aprender muito bem no menor tempo possivel.

Asseguramos que os nossos alumnos encontrarão no novo professor um mestre e um amigo que os ensinará com saber e carinho as linguas ingleza e franceza.

Com muita satisfação acabamos de saber que o Prof. Proença Pereira foi nomeado pelo Conselho Superior de Ensino, no Rio de Janeiro, para examinador de Bancas Officiaes de Inglez nos Gymnasios do paiz.

Os nossos sinceros parabens damos ao Prof. Proença pela honrosa nomeação recebida.

NOTAS

1923		OUTUBRO					1923
Domingo	Segun.	Terça-f.	Quarta-f.	Quinta-f.	Sexta-f.	Sabbado	
○	1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	13	
14	15	16	17	18	19	20	
21	22	23	24	25	26	27	
28	29	30	31	○	○	○	

FORMULARIO DE GEOMETRIA

O Dr. Sinesio de Farias, engenheiro militar, lente cathedratico da Escola Militar e director do Curso Freycinet, estabelecimento de ensino complementar, secundario e commercial que funciona no Rio de Janeiro, á rua Uruguayana n.º 47, teve a gentileza de offerecer ao nosso director um exemplar do seu "Formulario de Geometria", pequenina obra didactica a que deu publicidade ultimamente, com grande exito. Aconselhamos o "Formulario" a todos os estudantes de geometria, que nelle encontrarão a sua tarefa extraordinariamente simplificada; é de facil manuseio, pois não conhecemos trabalho mais commodamente portatil do que esse.

PUBLICAÇÕES

"ESPAÑA", em seu numero de 1.º de Outubro corrente publica um pequeno artigo com li-songeiras referencias á Escola Remington, referen-

cias que penhorados mui sinceramente agradecemos.

"TRIANGULO VERMELHO", os numeros que recebemos são noticiosos e interessantes.

A PAULICÉA MODERNA — Acha-se em nossas mãos o numero relativo a Setembro e Outubro. A par de uma collaboração escolhida é farta a illustração dos factos mais modernos da paulicéa.

"EVOLUINDO" é o titulo do interessante Orção Official do Gremio Literario Béthencourt da Silva do Lyceu de Artes e Officios do Rio de Janeiro. A collaboração desta bem feita revista é bastante interessante e variada.

"REVISTA PAULISTA DE CONTABILIDADE", Setembro — numero dedicado a Fabio Besta, o eminente contabilista italiano.

INFORMAÇÕES

CERTIFICADOS DE HABILITAÇÃO

Durante este mez foram conferidos aos seguintes alumnos de:

Dactylographia:

Hugo Borgognoni, Annibal Faria Graça Junior, Nair de Oliveira, Jayme Alves Pedroso, Alicio Alves Pedroso, Francisco José Muñoz, Assumpta Banti, Carlos Eduardo Corbett, Norberto Amaral Bastos, Guilherme Tomás Dieguez e Manoel Gonçalves Delgado.

ANNEL DE DACTYLOGRAPHO

Podem ser adquiridos na Secretaria da Escola pelos alumnos diplomados artisticos anneis de ouro, esmalte e gravação, que podem ser vistos a qualquer hora.

Dêem a um rapaz resolução e um alphabeto, e ninguem poderá prever onde irá ter a sua victoria.

(Orison Swett Marden)

Não perderá nunca um minuto do teu tempo; se um homem de genio como Gladstone traz sempre um livro na algibeira, com receio de deixar escapar um instante da sua vida, a que deverá recorrer um homem vulgar para evitar as perdas de tempo?

(Orison Swett Marden)

ESCOLAS REMINGTON

SÃO PAULO

Rua José Bonifacio, 18-B

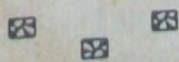
Telephone: Central 4.1.0.0

INTERIOR

Ribeirão Preto	Piracicaba	Campinas	Itapetininga
Amparo	Tatuhy	Sorocaba	São Roque
Botucatú	Bragança	Pirassununga	São Carlos
Mocóca	S. João da Boa Vista	Baurú	Araras
Jahú	Jaboticabal	Araraquara	Itapira
Pindamonhangaba		Taubaté	

ESTADOS

Maranhão - S. Luiz — **Ceará** - Fortaleza — **Parahyba do Norte**
Parahyba e Campina Grande — **Alagoas** - Maceió — **Sergipe** -
Aracajú — **Espirito Santo** - Victoria e Cachoeiro do Itapemerim —
Rio de Janeiro - Rua 7 de Setembro, 67; Campos, Macahé e Porci-
uncula — **Minas Geraes** - Bello Horizonte, Santa Luzia do Carangola,
Cataguazes, Miracema, Manhumirim e S. Paulo do Muriahé.



As Escolas Remington existentes em todo o mundo são au-
tónomas, não teem relação entre si a não ser no adoptarem para
o ensino de Dactylographia a machina Remington, que é a mais
antiga e mais aperfeiçoada de todas as machinas de escrever.